



Universidades Lusíada

Henriques, Mário Jorge de Sousa

A relevância do relacionamento antropológico no bipolar espaço-tempo : uma visão pós-moderna, a paisagem (antropológica) não é "natural"

<http://hdl.handle.net/11067/1099>

Metadata

Issue Date 2014

Abstract Numa época dominada pela constante mudança tecnológica. O paradigma actual tende a ramificar-se por predicados onde os elementos naturais voltam a tomar preponderância na análise e desenvolvimento de leituras territoriais. Por esse motivo aparecem os Fractais mas outros como Dobras e Rizomas, como conceitos de nova geração....

Type bookPart

This page was automatically generated in 2025-03-18T04:09:19Z with information provided by the Repository



Fig.1 - Walking city 1964 Ron Herron The Walking City in New York

A RELEVÂNCIA DO RELACIONAMENTO ANTROPOLÓGICO NO BIPOLAR ESPAÇO-TEMPO. UMA VISÃO PÓS-MODERNA. A PAISAGEM (ANTROPOLÓGICA) NÃO É “NATURAL”.

MÁRIO SOUSA HENRIQUES / Master Arquitecto/UPCBarcelona

Palavras-chave: Natureza; Homem; Antropologia; Matéria e Memória.

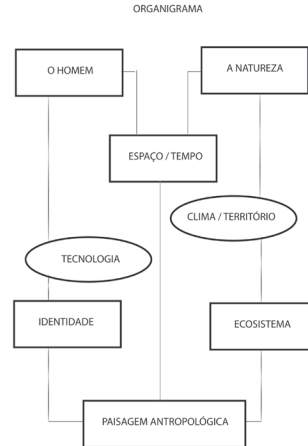
Numa época dominada pela constante mudança tecnológica. O paradigma actual tende a ramificar-se por predicados onde os elementos naturais voltam a tomar preponderância na análise e desenvolvimento de leituras territoriais. Por esse motivo aparecem os Fractais mas outros como Dobras e Rizomas, como conceitos de nova geração.

APROXIMAÇÃO AO TEMA: ENTRE A PAISAGEM VIRTUAL E A MEMÓRIA

Anão tecnologia, e biotecnologia, a física quântica e tantas outras metamorfoses da perspectiva do homem ao seu envolvimento com a natureza tomam-se como temas fundamentais da evolução.

As paisagens revelam camadas de memória. Essas memórias são trilhadas sobre territórios. Nesses trilhos nascem artérias de vários sentidos e níveis, os fluxos passam a ser considerados com relevância fundamental. Neste sentido o sistema organizacional do homem como ser relacional e social é em tudo muito idêntico ao sistema maior que o sustenta. O sistema complexo da natureza. Tendo um aspecto muito para além do real, considerando real o físico e material, o sistema humano é muito a imagem do que é a realidade natural. Os fluxos urbanos que definem as transacções pelos territórios humanizados são na sua base antropometria uma metáfora dos fluxos dos elementos da natureza. Constantemente postos á prova e a criarem desequilíbrios para poderem num futuro próximo criarem plataformas de estabilização e sustentabilidade momentânea.

Fig.2 - Organigrama relacional entre os diferentes actores do processo de “antropologifcação” do território. É um processo *work-in-progress*. Mário Henriques, 2011.



A natureza é o padrão. Contra esta evidencia é difícil argumentar.

O padrão natureza é neste momento o grande desafiador do processo evolutivo do homem como ser comunitário. As cidades alargam o seu tecido urbano e a suas densificações populacionais. Tornando-se cada vez menos cidades e mais territórios urbanos. Com isso toda a paisagem sofre uma alteração drástica. Ao consumo orgânico e físico é acrescentado o consumo de identidade de territórios antes pouco antropólogos e agora sobre a voraz influencia dos processos urbanos genéricos. Com isso a carga de exploração dos recursos naturais por parte dos humanos faz com que a dinâmica de equilíbrio se modifique. Falamos de outras realidades vivenciadas. O clima altera-se, os tempos modificam-se e as épocas temporais transformam-se em outras existências e com outras referencias. Os homens adaptam-se claro. A identidade altera-se. A memória conta-se em histórias que se perdem no espaço do tempo.

A transformação da paisagem é constante. Sempre existiu desde que o planeta é habitado por flora e fauna. Todos tiveram a sua influencia na evolução do tempo. Agora os protagonistas são uns que rapidamente irão dar a vez a outros criados por estes últimos. E neste processo a memória do que é a paisagem e o território vai alterando-se tal e qual como vão sendo diferentes os que a vivem e experimentam. É um pouco como Steven Spielberg relata numa perspectiva muito própria do que é a leitura do momento actual pelos que habitarão o planeta dentro de séculos no filme “Inteligência Artificial”.

Neste contexto de hiper-texto social, a velocidade de alterações e de trocas de poder e influencia é de tal forma rápida e sem referencias lógicas num padrão clássico, que as referencias á base, a natureza, passam a ser um padrão de referência de quem procura equilíbrios nos contextos de criação de conhecimento e desenvolvimento de perspectivas criativas.

Para que as memórias sejam projecções coerentes nos trilhos das paisagens do futuro (Fig.2).

RELACIONAMENTO DE CONCEITOS

O relacionamento entre os elementos-conceitos definidores da paisagem antropológica, e de todo o sistema compósito dos sistemas territoriais humanizados, é complexo e com muitos níveis / camadas de ligações. Sendo o espectro da perspectiva espaço-tempo o estruturante, o Homem e a Natureza são os elementos estruturantes. A tecnologia, o clima e o território/ orografia

são os catalizadores. A Identidade e os Ecossistemas são os conteúdos, o DNA. Mas a verdade é que se não houver memória, ou o relacionamento entre as diferentes memórias nada deste complexo enredo tem sustentabilidade.

Ecossistema é uma palavra composta por casa + systema, designa o conjunto formado por todas as comunidades que vivem e interagem em determinada região e pelos factores abiótico que actuam sobre essas comunidades.

Consideram-se como factores bióticos os efeitos das diversas populações de animais, plantas e bactérias umas com as outras e os factores abióticos os fatores externos como a água, o sol, o solo, o gelo, o vento. Num determinado local, seja uma vegetação de cerrado, mata ciliar, catinga, mata atlântica ou floresta amazonica, por exemplo, a todas as relações dos organismos entre si, e com seu meio ambiente chamamos ecossistema. Ou seja, podemos definir ecossistema como sendo um conjunto de comunidade interagindo entre si e agindo sobre e/ou sofrendo a ação dos fatores abióticos.

São chamados agroecossistemas quando além destes fatores, actua ao menos uma população agrícola. A alteração de um único elemento pode causar modificações em todo o sistema, podendo ocorrer a perda do equilíbrio existente.

O conjunto de todos os ecossistemas do mundo forma a Biosfera.

O Homem, ao longo da História, desenvolveram-se diferentes concepções míticas, religiosas, filosóficas e científicas do Homem, cada uma com a sua própria explicação sobre a nossa origem, transcendência e sentido da vida.

Para o Evolucionismo, o homem, como todas as outras espécies, é resultado de um processo evolutivo. No caso específico de um símio extinto. Esta evolução fez com que ao longo dos milhares de anos da nossa evolução fosse permitido marcar o território que ocupamos por diferenciados elementos ou "landmarks". Estas referencias são cada vez mais complexas e de diferentes níveis.

A Antropologia (do grego άνθρωπος, transl. anthropos, "homem", e λόγος, logos, "razão"/"pensamento") é a ciência que tem como objeto o estudo sobre o homem e a humanidade de maneira totalizante, ou seja, abrangendo todas as suas dimensões. A divisão clássica da Antropologia distingue a Antropologia Cultural da Antropologia Biológica. Cada uma destas, em sua construção, abrigou diversas correntes de pensamento.

Pode-se afirmar que há poucas décadas a antropologia conquistou o seu lugar entre as ciências. Primeiramente, foi considerada como a história natural e física do homem e do seu processo evolutivo, no espaço e no tempo. Se por um lado essa concepção

vinha satisfazer o significado literal da palavra, por outro restringia o seu campo de estudo às características do homem físico. Essa postura marcou e limitou os estudos antropológicos por largo tempo, privilegiando a antropometria, ciência que trata das dimensões físicas do Homem.

Neste momento histórico, pode-se considerar a existência de quatro áreas da antropologia geral (four-field-approach). São elas A antropologia física, antropologia cultural, a arqueologia e a linguística. Neste contexto faz sentido focalizar a caracterização das duas primeiras.

A antropologia física, por vezes chamada “antropologia biológica” ou bioantropologia, estuda os mecanismos de evolução biológica, herança genética, adaptabilidade e variabilidade humana, primatologia e o registo fóssil da evolução humana.

Alguns dos ramos primitivos da antropologia física, tais como a antropometria primitiva, são agora classificados como pseudociências. Medidas como o índice cefálico eram utilizadas para extrapolar características comportamentais, atualmente são obsoletas ou apenas com limitada aplicação na antropologia forense como auxiliar na tarefa de reconstituir identidades (sexo, idade, raça e mesmo faces), identificar causas e circunstâncias de óbito a partir dos restos mortais encontrados.

Comparando a utilização da antropometria da antiga e nova antropologia física Washburn, 1953 estima que na antiga utilizava-se 80% de medições antropométricas auxiliada por comparações morfológicas e atualmente, talvez 20% de dimensionamentos suplementados por ampla variedade de técnicas adaptadas à solução de problemas particulares. O objetivo dessa disciplina como um todo, segundo esse autor, permaneceu o mesmo através do tempo: ...a compreensão e interpretação da evolução humana... contudo resultado imediato de cada investigação será de limitado valor para o objetivo geral, circunscrito a problemas específicos (raça, constituição, homem fóssil, etc.) mais voltado para consolidação de hipóteses do que para novas especulações. A antropologia cultural é diferente da antropologia social, diferindo principalmente na perspectiva.

Tem por objetivo o estudo do Homem e das sociedades humanas na sua vertente cultural. A representação, pela palavra ou pela imagem, é uma das suas questões centrais. Assim, o estudo da natureza do signo na comunicação humana, tornou-se preocupação maior. O signo (ver Ferdinand de Saussure), em linguagem humana e, em representação iconográfica, o ícone (ver Charles Sanders Peirce), são pontos de partida para o desenvolvimento das disciplinas da antropologia oral ou da antropologia visual.

A criação desta disciplina reflete em parte uma reação contra a noção antiga de oposição entre “cultura” e “natureza”, segundo a qual alguns humanos vivem num “estado natural” (de pura natureza). Antropólogos argumentam que a cultura é “natureza humana” e que todas as pessoas têm a capacidade de classificar experiências, codificar classificações simbolicamente e transmitir tais abstrações. Desde que a cultura é aprendida que pessoas vivendo em diferentes lugares têm diferentes culturas. O conceito de antropologia cultural implica os de:

Ciência Social - propõe conhecer o homem enquanto elemento integrante de grupos organizados.

Ciência Humana - volta-se especificamente para o homem como um todo: sua história, suas crenças, usos e costumes, filosofia, linguagem, características psicológicas, valores éticos, etc.

A Memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis, seja internamente, no cérebro /memória biológica, seja externamente, em dispositivos artificiais /memória artificial.

A memória focaliza coisas específicas, requer grande quantidade de energia mental e deteriora-se com a idade. É um processo que conecta pedaços de memória e conhecimentos a fim de gerar novas idéias, ajudando a tomar decisões diárias.

Os neurocientistas distinguem memória declarativa de memória não-declarativa. A memória declarativa, grosso modo, armazena o saber que algo sucedeu, e a memória não-declarativa o como isto se deu.

A memória declarativa, como o nome sugere, é aquela que pode ser declarada (factos, nomes, acontecimentos, etc.) e é mais facilmente adquirida, mas também mais rapidamente esquecida. Para abranger os outros animais (que não falam e logo não declaram, mas obviamente lembram), essa memória também é chamada explícita. Memórias explícitas chegam ao nível consciente. Esse sistema de memória está associado com estruturas no lobo temporal medial (ex: hipocampo, amígdala).

Psicólogos distinguem dois tipos de memória declarativa, a memória episódica e a memória semântica. São instâncias da memória episódica as lembranças de acontecimentos específicos. São instâncias da memória semântica as lembranças de aspectos gerais.

Já a memória não-declarativa, também chamada de implícita ou procedural, inclui procedimentos motores (como andar de bicicleta, desenhar com precisão ou quando nos distraímos e vamos no “piloto automático” quando dirigimos). Essa memória depende dos gânglios basais (incluindo o corpo estriado) e não atinge o nível de consciência. Ela em geral requer mais tempo

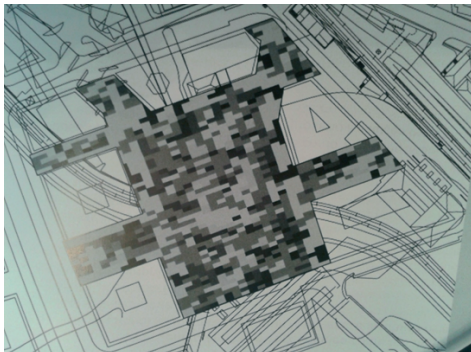


Fig.3 - Estudo para Plaza de Desierto, Barakaldo, Espanha, 1999 Eduardo Arroyo

para ser adquirida, mas é bastante duradoura.

Memória, segundo diversos estudiosos, é a base do conhecimento. Como tal, deve ser trabalhada e estimulada. É através dela que damos significado ao cotidiano e acumulamos experiências para utilizar durante a vida.

Ecologia da paisagem é a ciência que estuda e procura melhorar o relacionamento entre os padrões espaciais e processos ecológicos em diversas escalas de paisagem e níveis de organização. É uma ciência interdisciplinar, integrando biofísica e enfoques analíticos com perspectivas humanísticas e holísticas através das ciências naturais e sociais. Paisagens são áreas geográficas espacialmente heterogêneas, caracterizadas por diversas interações de ecossistemas, desde sistemas aquáticos e terrestres relativamente naturais como as florestas, campos e lagos, até ambientes dominados pelo homem, incluindo cenários urbanos e agrícolas. As principais características da ecologia das paisagens são sua ênfase no relacionamento entre os padrões, processos e escalas e seu foco em tópicos ambientais e ecológicos de grande escala. Isto exige a cooperação entre as ciências biofísicas e socioeconômicas. Os principais tópicos de pesquisa nesta área incluem fluxos ecológicos nos mosaicos de paisagens, uso e mudança da cobertura do solo, a relação do padrão das paisagens com os processos ecológicos, conservação da paisagem e sustentabilidade.

A PAISAGEM (ANTROPOLÓGICA) NÃO É “NATURAL”

As paisagens são produto do processo de interação inteligente do Homem sobre o seu entorno.

Nesse sentido a paisagem é mais do que o natural modificado pelo homem mas sim a perspectiva cultural de sociedades antropológicas com identidade e com carácter actuante sobre o território.

Desta forma podemos claramente dizer que existe uma bi-polarização genérica dos processos:

As paisagens virtuais versus as paisagens classicamente reais, as físicas.

Assim caracterizadas, a verdade da última dá relevância a verosimilhança da primeira.

As paisagens físicas também podem ser artificiais. Enquanto que as paisagens virtuais nos seus processos de produção são claramente produto tecnologicamente artificial, porque vive dos conteúdos que a outra (a física) lhe transmite. Desde a exploração



Fig4 5- Plaza de Desierto, Barakaldo, Espanha, Proposta

virtual de espaços físicos até aos jogos de vídeo.

Com esta premissa, é estruturante um equilíbrio entre os elementos fundamentais que formam e transformam a paisagem. A Natureza e o Homem. Para isso é fundamental existir padrões de relacionamento.

Num certo sentido, lato, a ecologia representa o papel de guarda da natureza. E numa perspectiva mais ambientalista pode-se considerar que é o garante da sustentabilidade da paisagem (antropológica).

A paisagem é um trabalho cultural, embora haja intervenientes técnicos mais responsáveis no processo de criação de cenários paisagísticos, não deixa de ser um produto da cultura de uma sociedade.

As populações residentes são o veículo de transmissão da cultura, uma estética absoluta e desenvolvida capaz de se aplicar ao território. Esse processo pode ser feito com qualidade estética e técnica ou não. E se não é feito com qualidade é porque existe uma falha cultural grave, esta é uma ideia que Sidónio Pardal defende como estruturante.

O território nacional, português, tem sido muito pouco compreendido no seu valor intrínseco da paisagem. Provavelmente os processos de pensar e projectar o território não tenham sido os mais eficientes e operativos, durante todo este processo do segundo modernismo do séc. XX Industrial.

Efectivamente os processos demonstram-se completamente desadequados ao que são as necessidades para garantir o tal equilíbrio entre os elementos do processo de criação da Paisagem antropológica.

Provavelmente o trabalho a desenvolver se prenda mais com um estudo aprofundado do DNA do território nos seus diferentes níveis. Com uma focalização para a invenção de um sistema de diagnóstico próprio. Dando espaço para a exploração de possibilidades formais latentes na realidade. É neste processo que os diferentes níveis de memória são fundamentais, para relacionar a experiência do passado com a expectativa do futuro (Fig.3, 4 e 5).

AS “NOVAS” ESTRATÉGIAS

Os projectos de Eduardo Arroyo são o exemplo de um novo paradigma na abordagem dos territórios. Onde mais uma vez a tecnologia vem permitir a evolução para um nível de maior complexidade e exigência. Por isso cada projecto exige a invenção

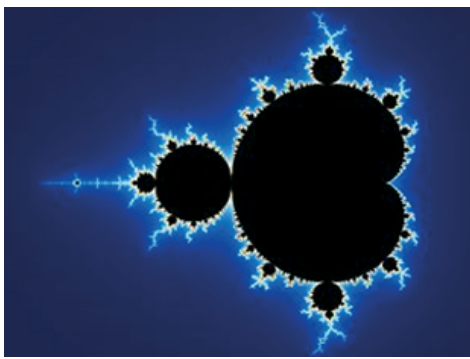


Fig.6 - Conjunto de Mandelbrot, Benoît Mandelbrot, Polónia, 1970.



Fig. 7 - Mapa de Fractais

de um sistema diagramático próprio, no qual aqueles dados vão se cruzando e intercambiando, evoluindo e modificando, para que, mediante os avanços tecnológicos, seja possível aproximar-se da capacidade de adaptação da natureza, da efetividade e da adaptabilidade. Partindo da permissão de que “somos matéria codificada inteligente e, portanto, energia em estado complexo”. Outras estratégias de análise e de projecto vem do que é mais intrínseco na natureza, da qual fazemos todos. A análise da complexidade da sua estrutura molecular e possibilita avançar para novos padrões de entendimento do que é o real associando uma nova geometrização.

Os fractais constituem uma maneira de geometrizar o caos da natureza, de limitar a desordem, dimensionando-a e representando-a. O matemático Benoît Mandelbrot, estruturou toda uma nova lógica matemática validando estudos de outros cientistas de séculos passados e abrindo caminho para um novo paradigma de análise da realidade. Colada a geometria orgânica retirada directamente da leitura da natureza e caracterizada em Fractais. Cortando com uma leitura euclidiana medieval.

Fractais são formas igualmente complexas no detalhe e na forma global. As propriedades que caracterizam os fractais são a auto-similaridade, complexidade infinita e a dimensão.

Mandelbrot demonstrou que os objectos naturais, irregulares, interrompidos ou fragmentados, podem ser geometrizados segundo uma lei formal fractal, que se vai repetindo até ao infinito.

Os fractais são fundamentados por figuras intermediárias entre o ponto e a linha, a linha e o plano, o plano e o volume. Esses objectos-conceito são caracterizados por uma família de curvas. Entre essas estruturas curvas, pode-se encontrar um sistema capaz de preencher um quadrado, passando por todos os pontos desse quadrado. Como exemplo deste processo, a recta é um caso particular de uma curva. E a curva é uma linha fragmentada. Em dimensões diferenciadas (Fig. 6 e 7).

Podemos considerar a proposta dos Clusters, as formas rizomáticas ou ramificadas elaboradas por Alison e Peter Smithson, Candilis, Josic e Woods, como antecipação do conceito fractal.

Rizomas

O conceito Rizoma opõe-se a todas as interpretações estruturadas, defendendo um sistema de pensamento aberto. O rizoma



Fig.8 - Redes sociais por Jimmy Pons, 2011.



Fig.9 - Redes neuronais

aceita o caos da realidade e aspira a novas interpretações sem estrutura hierárquica nem ordem. O rizoma não tem princípio nem fim nem tampouco memória. O rizoma define-se por conexão e heterogeneidade, já que é formado por linhas que estabelecem uma conexão, ruptura inócua, já que caso se rompa, não cessa de reconstruir-se. É um processo que não cessa de estender-se, interromper-se e de começar de novo. A sua distribuição é orgânica, sem hierarquia, e a sua essência é temporal. funciona como uma estrutura leve. Paisagens constituídas com as favelas sulamericanas ou Indianas, os mantos vegetais que se estendem sem estratégia definida são sinónimos disso. Ou mesmo até territórios fragmentários como o território do litoral norte português são exemplos disso.

Neste sentido, com os rizomas o grau de caos aumenta e qualquer referência geométrica se dilui.

O conceito de rizoma tem sido muito referenciado nestes últimos anos, mas este é um conceito que deriva da filosofia barroca de Gilles Deleuze. Advém “dos processos de mutação, das formas cavernosas, do movimento palpitante, definindo as geometrias côncavas e convexas, da dilatação e da contração”.

Dobras

Advém da filosofia e estética. A origem é de Gilles Deleuze. defende uma concepção de matéria contínua e expansiva. Tentando aproximar-se da ubiquidade do vivo, tal como o Barroco. É a busca da sintonia entre a máquina e o organismo. Conciliar a dualidade entre a ordem e o acaso, o mecânico e o vivo.

Este conceito, embora seja referenciado no passado Barroco, ao nível das formas exageradas de diferentes autores em diferentes áreas da criação, actualmente existem autores que o utilizam como elementos caracterizadores de espaços e paisagens antropológicas. Com grande intensidade de carácter, recorrendo a elementos fragmentários e de orgânica acutilante para de forma muito estética recriar a natureza... humana, a sua memória. Como Daniel Libeskind, no Judisches Museum em Berlim ou no Felix Nussbaum Haus Museum, Osnabruck. Mas tantos outros como Peter Eisenman, Rem Koolhaas ou Carlos Ferrater.

Este último tem juntamente com Josep Lluís Canosa e Bet Figueres um exemplo maior desta exploração: Jardim Botânico, Barcelona, Espanha. Ou ainda o Passeio Marítimo de Benidorm.

Ao contrário de outros autores defendendo que a ruína é pertencente a paisagem antropológica, esta mais que nada pode referenciar a memória. A ruína pode ser desde a própria ruína física de construção como qualquer outro elemento que simbolize a memória, a sua fragmentação, a sua irreproduzível forma de se apresentar.

O que une todas estas tendências conceptuais de perspectivas sobre a realidade criada é o factor orgânico na sua componente estética e na base de composição estrutural as geometrias sem regras definidas, onde o acaso ou mesmo o caos dá às premissas para o desenvolvimento exploratório de novos padrões criativos.

A REALIDADE ACTUAL, AS REDES, OS NÓS E AS CONSEQUENCIAS

A infra-estrutura territorial existente actualmente é um complexo emaranhado de sistemas de redes ecológicas confrontadas com um complexo sistema de redes que mais que urbanizam, humanizam o território. Esse território é mais e mais catigado por uma morfologia de redes artificiais, sistemas que também se encontram na natureza, no sistema neurológico do ser humano.

Todo o território configura-se através de diversas redes artificiais cada vez mais poderosas, que foram destruindo, dividindo os sistemas e redes ecológicas originais. O território converte-se em uma rede sem centro nem periferia, em um sistema de objectos interconectados de mil maneiras diferentes. Esses objectos são caracterizados por nós / nodos. Criam-se, de forma sistemática, num processo incostante e instável a multiplicidade de formulas.

São os conceitos de rizomas e de fractais a funcionarem na leitura territorial. O mimetismo comportamental do sistema da biosfera aplicado aos sistemas de humanização territorial são de todo evidentes e por esse motivo indissociáveis.

É neste caminho de leitura territorial associada a uma visão teórica alancada á análise da natureza e da sua complexa estrutura que os novos processos de criação de paisagem antropológica, seja ela, rural, urbana ou "rurbana" se deve concentrar. As camadas de memória do território que são definidas pelos sistemas ecologicos ou artificiais, desenvolvidos e recriados ao longo do espaço/ tempo tecnológico são mutantes, constantemente mutantes. Tal e qual como um sistema orgânico. Esse é um crescimento aleatório cheio de imponderáveis que podem ser mensuráveis (Fig. 8 e 9).

Nesse processo de inter-acção é fundamental criar metodologias, que sejam flexíveis e inteligentes ou seja evolutivas. Tal e qual

como tenta desenvolver Eduardo Arroyo, que permita a adaptabilidade de cada situação em cada momento. Considerando cada vez mais as realidades menos materializáveis, onde os territórios são cada vez mais mentais.

Bibliografia Geral:

Montaner, Josep Maria, Sistemas Arquitectónicos Contemporâneos, GG, 2009

Cauquelin, Anne, A invenção da Paisagem, Edições 70, 2008

Monstafavi, Mohsen, Doherty, Gareth, Ecological Urbanism, Lars Muller Publishers, 2009

Gilles Deleuze and Félix Guattari, Rizoma, Introducción

Castells, Manuel, The networked Society, Oxford Blackwell, 1998

Ascher, François, Los Nuevos Principios del Urbanismo, Alianza Ensayo, 2004